

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum
Concertos Comentados
Pequeno Auditório
Domingo, 11h00
M/6

2 jun
2024

**André Baleiro,
Ana Ferro
e José Brandão**

***Cantos Sefardins
e outros...***

CCB

Fernando Lopes-Graça (1906-1994)

Doze Cantos Sefardins

*A la una nací yo
Noches, noches
A la nana
Arvolera, arvolera
Arvoles yoran
Cuando el rey Nimrod
Si savías, gyoya mia
Durmo la nochada
Una noche yo me armí
Morenica sos
El s'asentó
Un cavritico*

Maurice Ravel (1875-1937)

Duas melodias Hebraicas

*Kaddisch
L'enigme éternelle
(O enigma eterno)*

Darius Milhaud (1892-1974)

Dos Poemas Judaicos, op.34

*Chant de forgeron
(Canto do ferreiro) (anón.)
Chant de nourrice
(Canto da ama) (anón.)*

Foto de capa:

André Baleiro

© MaraD'Elean

Maurice Ravel

Dos Cantos Populares

Chanson hébraïque (Canção hebraica)

Leonard Bernstein (1918–1990)

Das Árias e Barcarolas *

Oif mayn Khas'neh

(No meu casamento) (Yankev-Yitskhok Segal)

Robert Schumann (1810–1856)

Mein Herz ist schwer op. 25, n.º 15

(A minha alma está pesada) (Lord Byron)

An den Mond op. 95 n.º 2

(À Lua) (Lord Byron)

Hugo Wolf (1860–1903)

Sonne der Schlummerlosen

(Sol dos que não dormem) (Lord Byron)

Keine gleicht von allen Schönen

(Nenhuma das filhas de Vénus) (Lord Byron)

Meio-soprano **Ana Ferro**

Barítono **André Baleiro**

Piano **José Brandão**

Concerto comentado por **Paulo Ferreira de Castro**

* Convidado/piano a 4 mãos **Cândido Fernandes**

Cantos Sefardins e outros...

Fernando Lopes-Graça (1906-1994)

Os 12 *Cantos sefardins* de Lopes-Graça foram escritos entre 1969 e 1971. Razões para o seu interesse por esta tradição procurar-se-ão em obras congêneres de colegas cujo trabalho acompanharia, como Mario Castelnuovo-Tedesco, Joaquín Rodrigo, Ernesto Halffter, Ramón Barce, Maurice Ohana, ou de Manuel Valls (com Victoria de los Angeles) ou Manuel Angulo (com Sofia Noel). Quicá conhecesse até o trabalho de Alberto Hemsi (1898-1975). A herança sefardita merecera a atenção de destacados estudiosos espanhóis, como Menéndez Pidal (1953) e Higinio Anglés, a par das edições de Léon Algazi (1958, v. *abaixo*) e Isaac Lévy (1959), em França, sobre os judeus da Península. Quicá pesou ainda a percepção de que uma pesquisa sobre a canção tradicional-rústica portuguesa não seria completa, sem que se incluísse a canção em ladino (castelhano antigo, com apropriações do português, hebraico e árabe) das comunidades judaicas que habitaram o interior português até ao século XVI (depois disso, só enquanto cristãos-novos, ou cripto-judeus).

A fonte literária foi certamente sinalizada pelo amigo Michel Giacometti (1929-1990, a quem a obra de resto é dedicada): trata-se da antologia *Chants séphardis*, de Léon Algazi, editada em Paris, em 1958 (Giacometti veio para Portugal em 1959), onde se encontram os textos de todas as 12 canções. 1969 é ainda o ano da edição do livro *Em defesa da música portuguesa* (ed. Gazeta Musical), do compositor e grande amigo de Graça Louis Saguer (1909-91), judeu alemão naturalizado francês, visita frequente em Portugal e ele próprio autor de 4 *Cantigas sefarditas* (1935-36).

Musicalmente, trata-se, não de harmonizações destas romanças, cantigas e coplas, mas sim de verdadeiras canções de câmara em estilo moderno, sobre textos antigos (como em Milhaud, ou Ravel).

As 12 canções podem ser divididas em subgrupos: 5 canções de carácter mais «levantino» (n.ºs 1, 2, 6, 8, 10), com os melismas típicos do Mediterrâneo Oriental; uma romança cavaleiresca (n.º 4), de estilo literário tardo-medieval e com inclusão de *recitato*; duas de carácter infantil: a n.º 3, uma canção de embalar, e a n.º 12, uma lenga-lenga em espiral de crescente animação, com secções em *parlato rapido*; e quatro canções muito semelhantes ao que identificamos como «canção tradicional portuguesa», sendo que a n.º 5 remete para a cantiga de amor medieval, a n.º 7 tem algo de «céltico» e a n.º 9 lembra «música de rancho» (com os seus *tirilai-la-hopá*).

De referir, por fim, que no início de 1971, Graça orquestrou seis destas canções (n.ºs 2, 3, 6 e 10 – 12), para uma prevista estreia em Nova Iorque (por Álvaro Cassuto), que não viria, porém, a concretizar-se.

Maurice Ravel (1875–1937)

Compositor muito admirado por Graça, um e outro partilhavam desse gosto internacionalista e de generosa humanidade, que via todas as tradições unidas numa fraternidade da música. Tal convicção terá levado Ravel a escrever as três canções que hoje escutamos. *Kaddisch* e *L'énigme éternelle* constituem as *Deux mélodies hébraïques* (de 1914) e anima-as o mesmo sopro de motivação fúnebre que lhe inspirou *Le tombeau de Couperin* (para piano), exacto contemporâneo. Já a *Chanson hébraïque*, de seriedade só na aparência ligeira, é a 4.ª e última dos *Chants populaires* (de 1910) e o diálogo pai/filho que a enforma tem a particularidade de misturar três idiomas: iídiche, hebraico e aramaico.

Darius Milhaud (1892-1974)

Judeu e provençal, Darius Milhaud foi compositor sempre muito fecundo: o seu catálogo oficial inicia-se c. 1910 e até 1918 – e só no domínio da canção de câmara – ele escreveu mais de 100 obras! As duas canções que ouvimos provêm dos oito *Poèmes juifs*, op. 34, compostos em 1916 (tinha então 24 anos) e primeira obra sua de referencial judaico (o grosso das obras desse teor surgirá a partir da década de 1940). Ambas comungam de um conteúdo messiânico: na breve *Canção do ferreiro*, este forja uma espada para o Messias que há-de vir; na mais ampla *Canção da ama*, esta conta baixinho (à criança que embala), com orgulho, o carácter e o destino do povo judaico.

De referir que é exacto contemporâneo destas canções o Tratado de Sykes-Picot, embrião do processo que culminará na atribuição de um território destinado ao povo judeu na Palestina.

Leonard Bernstein (1918-90)

Bernstein era filho de judeus vindos da zona de Rivne (então, perto da fronteira austro-húngara; hoje, Ucrânia ocidental). O seu nome próprio judaico era Ariyeh-Leib, que significa Leão-Leão (ou, segundo outros, «Coração de Leão», de onde «Leonard», nome que só adoptou aos 15 anos).

As oito peças de *Arias and Barcarolles* são todas dedicadas ao amor e ao casamento. Se constituem a sua última obra terminada (1988), elas já o acompanhariam desde os anos 1950, década em que esses conceitos ressoam na sua própria vida: o seu casamento com Felicia Montealegre (1951) e o nascimento de dois dos três filhos: Jamie (1952) e Alexander (1955). Esses eventos, junto com os conflitos que teve em jovem com a *auctoritas* familiar devido à escolha da carreira musical, ressoam certamente como hipertexto neste mini-drama

de câmara, que começa como se fosse uma peça da fase atonal livre de Schönberg, para depois se desenvolver em *crescendo* e teatralidade até ao paroxismo final.

Robert Schumann (1810–56)

Mein Herz ist schwer provém de *Myrten*, op. 25, um dos grandes ciclos do ano de 1840. O poema original é de Lord Byron e integra as *Hebrew Melodies*. A tradução (com alguma *licença*) é de Julius Körner, um dos literatos-tradutores escolhidos pela editora do pai de Schumann para a primeira integral em alemão da obra de Lord Byron. É uma canção de largo sopro, que coloca face a face a «entrega» retórica do poema e aquela outra de arroubo mais lírico, para concluir em mais temperada *gravitas*.

A outra canção, também sobre Byron/Körner, pertence aos 3 *Gesänge*, op. 95, de 1849. É uma canção muito simples, em que o poema é dito de forma narrativa, à maneira de um bardo antigo, com a parte de piano acusando ter sido escrita de facto para harpa.

Hugo Wolf (1860–1903)

Sonne der Schlummerlosen e *Keine gleicht...* são os n.ºs 3 e 4 dos seus 4 *Poemas*, datados de 1896 e publicados em 1897. Wolf usa aqui traduções de Otto Gildemeister de originais de Byron, respectivamente, das *Hebrew Melodies* e das *Stanzas for Music*. O primeiro é uma pequena obra-prima, na qual condução melódica e harmónica se unem à atenção ao detalhe textual para criar uma unidade anímica de início ao fim do *Lied*. Na segunda, temos um Wolf consciente da tradição (Schumann, Brahms), com marca pessoal mais evidente as somando na estrofe que inicia com «Wenn der Mond...».

Bernardo Mariano

Musicólogo

(o autor escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)

FERNANDO LOPES-GRAÇA (1906-1994)

Doze Cantos Sefardins

A la una nací yo

A las dos me engrandecí,
A las tres esposí yo,
A las cuatro me cazaron.

Me cazí con un amor,
Alma y vida y corason,
Diz-me, niña, donde vienes,
Que te quiero conocer.

Y, si no tienes amante,
yo te haré defender.

Noches, noches

Noches, noches, buenas noches,
Noches son de enamorar.
Ah! Noches son de enamorar.

Dando bueltas por la cama,
Como el peşe en la mar.
Ay, que noches, la mi madre,
que no son d'arrivar.

Dormaj, dormaj, mis donzeyas
Y, si dormij, recordad,
Mañana vos hazej viejas
Y perdej la mocedad.

A la nana

A la nana y a la buba,
Se durma la criatura.
El Dio grande que los guadre,
A los niños de los males.

À uma eu nasci

Às duas eu cresci,
Às três tomei noivo,
Às quatro casaram-me.

Casei-me com um amor,
Alma e vida e coração,
Diz-me, rapariga, de onde vens,
Que te quero conhecer.

E, se não tens amante,
Eu defender-te-ei.

Noites, noites

Noites, noites, boas noites,
Noites são para o namoro.
Ah! Noites são para o namoro.

Dando voltas na cama,
Como o peixe no mar.
Ai, que noites, minha mãe,
que tardam em chegar.

Dormi, dormi, minhas donzelas
E, dormindo, recordai
Que amanhã sereis velhas
E perdereis a juventude.

Cantiga de ninar

Com a canção de embalar da avó,
A criança dorme.
Defenda-as o Deus poderoso,
às crianças de todo o mal.

Arvolera, Arvolera

Arvolera muy gentil!
Em la rama de mas arriva
Ay una bolisa d'Amadí.

Peinándo-se sus caveyos
Con un peine de marfíl,
La raíz tiene de oro,
La cimienta de marfíl.

[recitado]

Por ayí pasa un cavayero,
Cavayero mui gentil:
— Qué bušcaš, la mi bolisa,
Qué bušcaš vos por aquí?

Bušco yo a mi marido,
Mi marido d'Amadí.
— Quanto davaj, la mi bolisa,
Que vos lo traygan aquí?

[recitado]

Dava yo los tres mis campos
Que me quedaron de Amadí.
El uno era de trigo
El otro de zengefil.

— Dadvos a vos la mi bolisa,
Que vo lo traygan aquí.
— Mal año tal cavayero
Que tal me quijo dizer

[recitado]

— Qué señal daj, la mi boliza,
Que vo lo traygan aquí?
— Bašo la teta izquiedra
Tiene un beng maví.

Arvoredó, arvoredó

Arvoredó tão gracioso!
No ramo mais alto
Está uma donzela de Amadis.

Penteando os seus cabelos
Com um pente de marfim,
Tem a raiz de ouro,
Os adornos de marfim.

Por ali passa um cavaleiro,
Cavaleiro mui gentil:
— Que procuras, minha senhora,
Que buskais por aqui?

Procuró o meu marido,
O meu marido Amadis
— Quanto darias,
Para que o tragam aqui?

Daria eu os meus três campos
Que me ficaram de Amadis.
Um era de trigo
O outro de gengibre.

— Seríeis minha, senhora,
Se o trouxessem aqui?
— Má sorte a tal cavaleiro
Que tal coisa me quis dizer.

— Que sinal dareis, senhora minha,
Para que o tragam aqui?
— No seu peito esquerdo
Tem uma marca roxa.

— No maldigáj, la mi bolisa,
Que so vuestro marido Amadí.
Echadvos vuestro trensado,
Me suviré you por ayí.

Tomaron mano con mano
y se fueron a holgar.

Arvoles yoran

Arvoles yoran por luvias,
Y montañas por áyres.
Ansí yoran los mis ojos
Por ti querida amante.

Ven veras y ven veras,
Ven vras y veremos
L'amor que tenemos los dos,
Ven mos aunaremos.

Cuando el Rey Nimrod

Cuando el Rey Nimrod
al campo salía,
Mirava en el cielo y
en la estreyeria.
Vido una luz santa em la giuderia,
Que havia de nacer... Avraham
Avinu.

Avram Avinu, Padre querido,
Padre bendicho,... Luz de Israel.

Luego a las comadres
encomendava
Que toda mujer que preñada
quedava
Y se hijo pariere al punto
lo mataran

Não mais vos queixeis, senhora minha,
Pois sou o vosso marido Amadís.
Estendei o vosso trançado,
Que eu subirei por ele.

Deram-se as mãos
e assim foram a folgar.

Árvores choram

Árvores choram por chuvas,
E os montes por ares.
Assim choram os meus olhos
Por ti, querida amante.

Vem e verás, vem e verás,
Vem e veremos
O amor que os dois temos,
Vem e ficaremos unidos.

Quando o Rei Nimrod

Quando o Rei Nimrod
saiu para o campo,
Olhando o céu
e as estrelas.
Viu uma luz santa na judiaria,
Pois, haveria de nascer... Abraão,
Nosso Pai.

Abraão, Nosso Pai, Pai querido,
Pai bendito,... Luz de Israel.

De imediato ordenava
às comadres
Que todas as mulheres
grávidas
Se dessem à luz um filho,
de imediato o matariam

Que havia de nacer... Avraham
avinu.

Avram avinu, Padre querido,
Padre bendicho... Luz de Israel.

Si savías, gioya mía

Si savías, gioya mía,
Que te quero mucho bien!
Agora ya esto yo viendo
Que no mi puedes ni ver.

Tus caveyos, escalera
Para suvir onde ti,
Para ver tus dulces sueños
Onde te echas a dormir.

Durmo la nochada

Durmo la nochada, doloroso
en cama.
Centeyas de fuego me queman
en flama.
O, Dio, ten piedad del que de tí
reclama!
Dá-le la pasencia a el que
te yama!

Una noche yo me armí

Una noche yo me armí
Por vuestro vezindado.
Dešimos la puerta avierta
Y el candil amatado.
Tirilaila hop, tirilaila hopa.

Ventanas altas tienes tu,
Con velas amariyas.
Esta noche arogo al Dio

Pois, haveria de nascer... Abraão,
Nosso Pai.

Abraão, Nosso Pai, Pai querido,
Pai bendito... Luz de Israel.

Se soubesses, minha jóia

Se soubesses, minha jóia,
Que te quero muito bem!
Mas agora estou eu vendo
Que não me podes nem ver.

Teus cabelos, escada
Para até ti subir,
Para ver os teus sonhos doces,
Onde te deitas a dormir.

Durmo à Noite

Durmo à Noite, inquieto
na cama.
Centelhas de fogo me queimam
em chama.
Ó, Deus, tem piedade de quem
por ti reclama!
Dá-lhe paciência, a ele que
te ama!

Uma noite, cheio de coragem

Uma noite, cheio de coragem,
Passei pela tua vizinhança
Deixemos a porta aberta
e a candeia apagada.
Tirilaila hop, tirilaila hopa.

Janelas altas tens tu,
Com velas amarelas,
Esta noite rogo a Deus

Que m'asuva arriva.
Tirilaila hop, tirilaila hopa. Ah!

Morenica sos

Morenica sos
Como la pimienta.
De te ver tan preta
No me s'aresenta.

Dize-me a mí,
Que ya me cansí.
De te ver d'enfrente
Yo ya me ansysi.

El s'asentò en el barco

El s'asentò en el barco,
L'aniyo le cayó
Al moro del río
L'agua de la mar,
Salada sos, Šavdica sos.

O qué novia hermosa,
La quero yo bezar.
Al moro del río
L'agua de la mar,
Salada sos, Šavdica sos.

Un cavritico ¹

Un cavritico,
Que lo mercó mi padre
Por dos as, Por dos levanim.

Y vino el gato
Y se comió'l cavrito
Que lo mercó mi padre
Por dos as, Por dos levanim.

Que me suba lá acima.
Tirilaila hop, tirilaila hopa.

Morenita sois

Morenita sois
Como a pimenta.
Ver-te assim tão preta
Não me perturba nada.

Diz-me, a mim,
Que já me cansei.
Só de te ver
Já sofro de saudade.

Ele sentou-se no barco

Ele sentou-se no barco,
Caiu-lhe o anel.
Para o mouro que anda no rio
A água do mar,
Salgada sois, Saudita sois.

Ó que noiva formosa,
Que a quero beijar.
Para o mouro que anda no rio
A água do mar
Salgada sois, Saudita sois.

Um cabrito

Um cabrito,
Que meu pai mercadejou
Por duas moedas, por dois levansins.

E veio o gato
E comeu o cabrito
Que o meu pai comprou
Por duas moedas, por dois levansins.

¹ Chad Gadya: em aramaico significando «um bode», é uma canção tradicional judaica cantada na festa da Páscoa. Lengalenga cumulativa, aparentemente infantil e tonta, mas com múltiplos sentidos, é frequentemente interpretada como uma alegoria da história do povo judeu, de Deus que reina sobre o Anjo da Morte, entre outros simbolismos.

Y vino el pero
Y mudrió al gato,
Que se comió'l cavrito
Que lo mercó mi padre
Por dos as, Por dos levanim.

Y vino la vara
Y a'harvó al pero,
Que mudrió al gato,
Que se comió'l cavrito
Que lo mercó mi padre
Por dos as, Por dos levanim.

Y vino el fuego
Y quemó a la vara,
Que a'harvó al pero,
etc.

Y vino la agua
Y amató el fuego,
Que quemó a la vara,
Que a'harvó al pero,
etc.

Y vino la vaca
Y bevió a la agua,
Que amató el fuego,
etc.

Y vino el šho'het²
Y degoyó a la vaca,
Que bevió a la agua,
etc.

E veio o cão
E mordeu o gato
Que comeu o cabrito
Que o meu pai comprou
Por duas moedas, por dois levanins.

E veio a vara
E bateu no cão,
Que mordeu o gato
Que comeu o cabrito
Que o meu pai comprou
Por duas moedas, por dois levanins.

E veio o fogo
Que queimou a vara
Que bateu no cão,
etc.

E veio a água
Que apagou o fogo,
Que queimou a vara,
Que bateu no cão,
etc.

E veio a vaca,
E bebeu a água,
Que apagou o fogo,
etc.

E veio o carniceiro
E degolou a vaca,
Que bebeu a água,
etc.

² šho'het: designação de quem mata animais de acordo com as leis judaicas, para consumo de carne *kosher* ou em contexto de ritual sacrificial.

Y vino el Malakh Hamavet³
Y degoyó al šho'het,
Que degoyó à la vaca,
etc.

Y vino el Santobendichoel
Y degoyó al Malakh Hamavet,
Que degoyó al šho'het,
Que degoyó à la vaca,
Que bevió a la agua,
Que amató el fuego,
Que quemó a la vara,
Que a'harvó al pero,
Que mudrió al gato,
Que se comió'l cavrito
Que lo mercó mi padre
Por dos as, Por dos levanim.

E veio o Anjo da Morte
E degolou o carniceiro,
Que degolou a vaca,
etc.

E veio o Santo abençoado,
Que degolou o Anjo da Morte,
Que degolou o carniceiro,
Que degolou a vaca,
Que bebeu a água,
Que apagou o fogo,
Que queimou a vara,
Que bateu no cão,
Que mordeu o gato,
Que comeu o cabrito
Que o meu pai comprou
Por duas moedas, por dois levamins.

MAURICE RAVEL (1875–1937)

Duas melodias hebraicas

*Kaddisch*⁴

Yithgaddal weyithkaddash
scheméh rabba
be'olmâ diverâ'Khire'
outhé
Veyamli'kh mal'khouté
Behayyé'khon
ouveyome'khôn
ouve'hayyé de'khol beth yisraël,
Ba'agalâ ouvizman
qariw,
Weimrou, Amen.

Que o Seu nome seja exaltado
e santificado
no mundo por Ele criado,
de acordo com a Sua vontade,
que o Seu reino seja
proclamado
hoje, amanhã e sempre
por toda a Casa de Israel,
que a vossa glória, rei dos Reis,
seja exaltada,
Digamos todos: Amen.

³ Malakh Hamavet: mensageiro divino que cumpre a vontade de Deus relativamente à vida e morte das pessoas.

⁴ Oração de louvor e santificação a Deus.

Yithbara'kh weyischtaba'h
weyith paër Weyithromam,
Weyithnassé Weyithhaddar
Weyith'allé Weyithhallal
Scheméh dequoudschâ,
 beri'kh hou,
Le'èlà ule'ela min kol bir'khatha
weschiratha, Touschbehatha
 wene'hamathâ
Daamirân ah! Be'olma ah!
Weïmrrou, Amen.

L'Énigme éternelle

Frägt die Velt die alte Casche
Tra la la
Entfernt men
Tra la la
Un as men will kennen sagen
Tra la la

Abençoado e louvado,
glorificado e exaltado,
celebrado e honrado,
adorado e enaltecido,
seja o Vosso Nome Santo,
 sobre os céus,
as nossas bênçãos,
os nossos hinos
 e orações,
por toda a parte proclamadas.
Digamos todos: Amen.

O enigma eterno

Todos fazem a velha pergunta
Tra la la
Uma pessoa responde
Tra la la
E se alguém quiser, pode dizer
Tra la la

DARIUS MILHAUD (1892-1974)

Poèmes juifs

Chant de forgeron

Près du Jourdain il y a une
 maison de forgeron
Un forgeron alerte comme
 un cavalier y fait sa besogne.
Et en soufflant il attise la flamme
Souffle, souffle, cela entretient
 la flamme,
Le feu éternel qui brûle dessous.
Que fais-tu là, ô forgeron ?

Canção do Ferreiro

Na margem do Jordão há uma
 casa de ferreiro
Um ferreiro, alerta como
 um cavaleiro, faz aí o seu trabalho.
E, soprando, ele atiza a chama,
Sopra, sopra, isso mantém
 a chama viva,
O fogo eterno que arde por debaixo.
Que fazes tu aí, ó ferreiro?

Je suis en train de préparer
le fer pour le cheval du Messie.

Chant de Nourrice

Dors, ma fleur, mon fils chéri;
pendant que je balancerai ton
berceau,
je vais te dire le conte de ta vie.
Je commence para te prévenir
que tu es un Hébreu,
Que tu as Israël pour nom et que
c'est là ton titre de noblesse.
Ô mon chéri
Quand tu seras avec des gens
étrangers à ton peuple,
ne sois pas honteux devant
leurs insultes
mais réponds leur bien haut
Oh je t'en prie, sois sans peur
aucune, dis leur :
«Ne suis-je pas le descendant
des saints, fils du peuple
éternel.»
fils du peuple éternellement
persécuté
malheureux comme point d'autre,
glorieux quand même,
car il dure et cela depuis des
siècles et cela pour toujours...
Ne désespère point, mon fils
chéri, parce que ton peuple
est en exil
Crois plutôt que le soleil de la
justice un jour brillera sur nous.

Estou a preparar o ferro para
o cavalo do Messias.

Canção da Ama

Dorme, minha flor, meu filho querido,
Enquanto eu balanço o teu
berço
Vou contar-te a história da tua vida.
Começo por te advertir que tu
és um Hebreu,
Que tens Israel por nome e que
é esse o teu título de nobreza.
Ó meu querido,
Quando estiveres com gente
estranha ao teu povo,
Não tenhas vergonha diante
dos seus insultos
E responde-lhes bem alto
Ó peço-te, não tenhas medo,
diz-lhes:
«Não sou eu o descendente
dos santos, filho do povo
eterno.»
Filho do povo eternamente
perseguido
infeliz como nenhum outro,
ainda assim glorioso,
pois durou séculos e durará
para sempre...
Não desespere, meu filho,
porque o teu povo está
exilado,
Em vez disso, acredita que o sol da
justiça brilhará um dia sobre nós.

Souviens toi sans cesse que nous
avons un pays, là bas, très loin
que c'est vers lui que l'âme
de tout juif aspire avec ardeur
Sur ces monts, dans ses champs
délicieux, tu deviendras ce
que tu voudras:
vigneron, berger, planteur,
jardinier, tu vivras paisible...
Dors, ma fleur, mon fils
chéri.

Lembra-te sempre que nós temos
um país, além, muito longe,
e que é na sua direção que a alma
de cada judeu aspira com emoção,
Nos seus montes, nos seus campos
maravilhosos, tu serás o que
tu quiseres:
vinhateiro, pastor, cultivador,
jardineiro, tu viverás em paz...
Dorme, minha flor, meu querido
filho.

MAURICE RAVEL

Chanson hébraïque

Mejerke, main Suhn, oi Mejerke,
main Suhn,
Zi weiss tu, var wemen
du steihst?
«Lifnei Melech Malchei
hamlochim,» Tatunju.
Mejerke, main Suhn, oi Mejerke,
main Suhn,
Wos ze westu bai lhm bet'n?
«Bonej, chajei. M'sunei,» Tatunju.
Mejerke, main Suhn, oi Mejerke,
main Suhn,
Oif was darfs tu Bonei?
«Bonim eiskim batoiroh,»
Tatunju.
Mejerke, main Suhn, oi Mejerke,
main Suhn,

Mayerke, meu filho, ó Mayerke,
meu filho,
Sabes diante de quem te
encontras/estás?
«Diante dele, Rei dos Reis,
o único Rei, meu pai.»
Mayerke, meu filho, ó Mayerke,
meu filho,
O que vais então pedir-lhe?
«Crianças, vida longa, pão, meu pai.»
Mayerke, meu filho, ó Mayerke,
meu filho,
Porquê crianças?
«Às crianças ensina-se a Torá,
meu pai.»
Mayerke, meu filho, ó Mayerke,
meu filho,

Oif vos darfs tu chajei?
«Kol chai joiducho,»
Tatunju.
Mejerke, main Suhn, oi Mejerke,
main Suhn,
Oif vos darfs tu M'sunei?
«W'ochalto w'sowoto
uweirachto,» Tatunju.

Porque precisas de uma vida longa?
«Aquele que vive cantará
a glória do Senhor, meu pai.»
Mayerke, meu filho, ó Mayerke,
meu filho,
Para que precisas ainda do pão?
«Toma este pão, come-o,
e dá graças, meu pai.»

LEONARD BERNSTEIN (1918–1990)

Oif Mayn Khas'neh

Oif Mayn Khas'neh hot gespielt
A roiter freylikher klezmer
Oif dem klenst'n, shtilst'n fidele.
Gespiert hot er a troyeriks,
An alt fortsaytik ometik
liedele.
Alte klezmer hoben shtum gegaft:
«Vu hot er der roiter yung
gekhaft?»
Oz, b'sakh-hakol, nekhtikt
er un' tagt in
derfer,
Shpielt oif goyishe shikure
vetshernitses,
Un', b'sakh-hakol, kann er koim
a shayt'l Ivry draptshen!
Shlof'n, shloft er oif a hart'n
taptshen.

No meu casamento

No meu casamento, um músico
ruivo e indolente tocou
no violino mais pequeno e mais suave.
Tocou uma melodia triste.
Uma canção antiga, simples
e desconhecida
Os velhos músicos ficaram siderados:
«Onde aprendeu este ruivinho
aquilo?»
Bom, afinal, as suas noites
e os seus dias são passados
em pequenas aldeias,
Tocando toda a noite em beberetes
de goy [não judeus]
E, no fundo, ele mal sabe ler
uma linha de hebreu.
Dormir? Ele dorme numa enxerga
dura.

Ess'n, esst er vues makht sikh
dort'n:
A shikse shenkt im retekhekh
fun garten...

Nor a vunder un' a khalom
iz geveyn, oif im tsu kuk'n:
Die aksel un'der kopp, un' noz
un' oy'r
Hob'n kishofdik bay im gelaght
mit frayer un' troyer,
Un' das gantse darre knokhevate
ponim
Hot gekvoll'n vie a lebedicker
bronnem.
Oif mayn khas'neh hot der Yung
geshpielt,
Oz s'hot fun ort gehuib'n.
Fyss hob'n gevollt
A riss tun zikh,
Oyren hob'n zikh farshpitzt
vie shpiets'n;
Un dos fidele hot gekusht,
geriss'n,
Gebiss'n shticker biz tsu vaytik,
un geknipp'n
Biz tsum Blut die ongetsoigene
Adernstrones.
Azh! Die alte hob'n zikh gebeten:
HOB RAKHMONES!

Comer? Ele come onde quer
que esteja.
Uma *shikse* [rapariga não judia]
dá-lhe rabanetes do seu jardim...

Mas era uma maravilha, um encanto,
só de vê-lo.
Ombros e cabeça, nariz e orelhas
riam nele,
Como por magia, de alegria
e de tristeza.
E todo o seu semblante magro
e ossudo
Jorrava como uma nascente
viva.
Este rapaz tocou no meu
casamento
E as pessoas pularam das
cadeiras.
Os pés não paravam de bater,
As orelhas estavam aguçadas
como lanças;
E o pequeno violino beijava,
estremecia,
E mordida. E foi longe
demaís,
Cortando, até sangrarem, as tensas
cordas do coração.
«Ah!», suplicaram os velhos:
«TEM PIEDADE!»

ROBERT SCHUMANN (1810–1856)

Mein Herz ist schwer!

Mein Herz ist schwer! Auf!
Von der Wand
Die Laute, nur sie allein mag ich
noch hören,
Entlocke mit geschickter Hand
Ihr Töne, die das Herz
betören.
Kann noch mein Herz ein Hoffen
nähren,
Es zaubern diese Töne
her,
Und birgt mein trocknes Auge
Zähren,
Sie fließen, und mich brennt's
nicht mehr!

Nur tief sei, wild der Töne Fluss,
Und von der Freude
weggekehret!
Ja, Sänger, dass ich weinen muss,
Sonst wird das schwere Herz
verzehret!
Denn sieh! vom Kummer ward's
genähret,
Mit stummen Wachen trug es lang,
Und jetzt vom Äussersten
belehret,
Da brech es, oder heil im
Sang

Pesa-me o coração!

Pesa-me o coração! Retirai
da parede o alaúde,
Apenas ele tolero ainda
ouvir;
Destrinça com ágil mão
Seus sons, com que o coração
se ilude.
Se esperança há que o coração
nutrir
Me possa, estes sons por magia
a hão-de produzir;
E se aos olhos enxutos sinto
lágrima
acorrer,
Elas escorrem, mas não me sinto
já arder!
Seja dos sons o fluxo fundo e revolto,
E da alegria desvie ele o
sentido!
É que, bardo, chorar é-me forçoso,
Ou o pesado coração verei
consumido!
Pois vêde! Alimentado foi
de aflição,
Muda vigília e longa foi suportando.
E agora que no limite recebeu
lição,
Que se quebre, ou se cure pelo
canto.

An den Mond

Schlafloser Sonne!
melanchol'scher Stern!
Dein tränenvoller Strahl
erzittert fern,
Du offenbarst die Nacht,
die dir nicht weicht –
O wie du ganz des Glücks
Erinn'ung gleichst!
So glänzt auch längst
vergangner Tage Licht,

Es scheint, doch wärmt sein
schwaches Leuchten nicht,
Der Gram sieht wohl des Sterns
Gestalt,
Scharf, aber fern, so klar,
doch ach! wie kalt!

À lua

Sol dos insones!
Astro de melancolia
Teu raio lacrimante de bem
longe cintila,
Tu revelas a noite que de ti
é inseparável –
Ó quão todo à memória
da beatitude és igualável!
Também assim brilha há muito
a luz do tempo passado,

ela alumia, mas não nos aquece
sua débil luminosidade,
A configuração do astro,
bem a vê o que nos angustia,
Recortada, mas distante, tão clara,
mas ai! Tão fria!

HUGO WOLF (1860–1903)

Sonne der Schlummerlosen

Sonne der Schlummerlosen,
bleicher Stern!
Wie Tränen zittern, schimmerst
du von fern;
Du zeigst die Nacht, doch
scheuchst sie nicht zurück,
Wie ähnlich bist du dem
entschwundenen Glück,
Dem Licht vergangner Tage,
das fortan nur leuchten,

Sol dos insones!

Sol dos insones!
Astro macilento!
Tu brilhas lá longe,
como lágrimas tremendo,
Tua luz revela a noite, contudo
não a repudia –
Ó, como te assemelhas
à felicidade desvanecida,
À luz de tempos idos,
que poderá doravante

Aber nimmer wärmen
kann!
Die Trauer wacht, wie es durchs
Dunkel wallt,
Deutlich doch fern, hell, aber
o wie kalt!

Keine gleicht von allen Schönen

Zauberhafte, dir!
Wie Musik auf Wassern tönen
Deine Worte mir;
Wenn das Meer vergißt zu
rauschen,
Um entzückt zu lauschen,
Lichte Wellen leise
schäumen,
Eingelullte Winde träumen:

Wenn der Mond die Silberkette
Über Fluten spinnt,
Deren Brust im stillen
Bette
Atmet, wie ein Kind:
Also liegt mein Herz
versunken,
Lauschend, wonnetrunken,
Sanft gewiegt und voll sich labend,
Wie des Meeres Sommerabend.

Nos alumiar, mas nunca será
aconchegante!
A tristeza vela o modo
como pela escuridão navega:
Nítida, mas distante, intensa,
mas ó quão gélida!

De todas as belezas

Maga, nenhuma te iguala!
Tuas palavras me soam
Tal música sobre água.
Quando o mar olvida
seu rumorejar,
Para em encantamento escutar,
Ondas claras encrespam
sem ruído,
Sonham ventos ninados ao ouvido.

Quando a Lua sua esteira prateada
Sobre as vagas tece,
Seu peito respira na cama
sossegada,
Como criança que já adormece:
Assim meu coração bem fundo
desce
Perscrutante, extasiado,
Docemente embalado,
Como em noite de Verão o oceano.

Traduções:

José Brandão e Bernardo Mariano
(para as canções de R. Schumann e H. Wolf)



Ana Ferro



José Brandão

Ana Ferro

Meio-Soprano

Ana Ferro iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Nacional de Lisboa, em Flauta transversal; e os estudos vocais na Escola de Música de Nossa Senhora do Cabo, em Linda-a-Velha, com Joana Levy. Formada em Canto pela Guildhall School of Music and Drama, Londres, e pelo Flanders Operastudio, Bélgica, apresentou-se como solista no Reino Unido, Bélgica, Países Baixos, Espanha e em várias das principais salas de espetáculo do país. Papéis operáticos incluem, Dinah (*Trouble in Tahiti* – Spectra Ensemble, Schouwburg de Roterdão), Segunda Dama (*A flauta mágica* – Ópera do Castelo), Médica (*Banksters* de Nuno Côrte-Real no Teatro Nacional de São Carlos), Suzuki (*Madama Butterfly* com a Orquestra do Norte, Coliseu do Porto e Operafest 2021), Olga (*Eugene Onegin* com a Orquestra do Norte, Coliseu do Porto), Carmen (*Carmen* de Bizet no Operalovers Barcelona), Dorabella

(*Così fan tutte* na Nova Ópera de Lisboa, Teatro da Trindade), Bianca (*The Rape of Lucretia* – estreia em Portugal, Teatro Nacional de São Carlos), Espia e Administrativa (*O Labirinto* de Menotti no Operafest 2022). Em concerto, foi solista nomeadamente nos *Requiem* e *Missa da Coroação* de Mozart, *Messa da Requiem* de Verdi, *Stabat Mater* de Rossini, *9.ª Sinfonia* e *Fantasia Coral* de Beethoven, *Missa em Ré Maior* de Dvořák, *Stabat Mater* de Alessandro Scarlatti (Festival de Música do Cabo Espichel 2022), *Requiem* de Duruflé (Melleo Harmonia), *Missa Grande* (CCB e Casa da Música) e *Te Deum* de Marcos Portugal (Ensemble MPMP, Festival Música em São Roque), *Magnificat* de C. P. E. Bach (VIII Festival de Música Antiga dos Açores), a cantata *A Paz na Europa* (Os Músicos do Tejo, XV Festival West Coast, 2022) e *Requiem* de Bomtempo (Ensemble MPMP, Dias da Música 2017, transmitido ao vivo pela RTP e Antena 2). É regularmente solista em diversos concertos e recitais, interpretando obras de repertório bem como estreias. É membro do Coro do Teatro Nacional de São Carlos.

André Baleiro

Barítono

André Baleiro é vencedor do 17.º Concurso Internacional R. Schumann, em Zwickau, do 9.º Concurso de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa, em Lisboa, do Prémio *Most Promising Talent* do prestigiado Concurso Internacional DAS LIED, em Heidelberg, bem como do concurso SWR Young Opera Stars 2019. Recentemente foi galardoado com os 2.ºs Prémios no Concurso Internacional de Lied «Helmut Deutsch» em Viena, e no Concurso Internacional de Música de Câmara «Schubert e a Música Moderna» em Graz, na Áustria.

No palco operático tem-se destacado pelas interpretações de Valentin (*Faust* de Gounod), Pelléas (*Pelléas et Melisande* de Debussy), Tarquinius (*The rape of Lucrecia* de B. Britten), Ned Keen (*Peter Grimes* de B. Britten), Orphée (Philip Glass) Fígaro (*O barbeiro de Sevilha* de G. Rossini), Don Parmenione (*L'occasione fa il ladro* de G. Rossini), e Ford (*Falstaff* de G. Verdi) em teatros como o Teatro Nacional de São Carlos

em Lisboa, a Kammeroper München em Munique, o Teatro Pérez Galdós em Las Palmas, o Centro Cultural de Belém em Lisboa, e o Teatro Trier, na Alemanha.

Do seu vasto repertório de concerto são de salientar as oratórias de J. S. Bach, G. F. Händel, W. A. Mozart e A. Dvořák, a cantata *Dona Nobis Pacem* de R. Vaughan Williams, os *Requiem* de G. Fauré, M. Duruflé e J. Brahms, *L'Enfance du Christ* de H. Berlioz, *Don Quichotte à Dulcinée* de M. Ravel, os *Gurrelieder* de A. Schönberg e *Carmina Burana* de C. Orff.

Tem colaborado com os maestros Michel Corboz, Steffan Blunier, Frédéric Chaslin, Greahme Jenkins, Martin André, Moritz Gnann, Antonio Pirolli, Andreas Sperling, Joana Carneiro, Nabil Shehata e Lorenzo Viotti.

Apresenta-se regularmente em recital com diversos pianistas interpretando repertórios em variadas línguas, estilos e épocas. A música vocal moderna e contemporânea tem sido desde sempre um dos seus focos de interesse. Nas últimas temporadas tem cooperado no projeto *Liederwerkstatt*

liderado por Axel Bauni, no Festival *Kissinger Sommer*, na Alemanha, projeto cujo foco é a encomenda e a execução de obras para canto e piano a conceituados compositores como Aribert Reimann, Wolfgang Rihm e Manfred Trohjan. O barítono português iniciou a sua formação musical aos dez anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, e a sua formação vocal aos 15 com Elsa Cortez. É licenciado em Direção Coral e Formação Musical pela Escola Superior de Música de Lisboa. Como bolseiro da Fundação Hamel em Hannover e da Fundação Gulbenkian em Lisboa estudou Canto na Universidade das Artes em Berlim na classe de Siegfried Lorenz, e aprofundou o seu conhecimento e interpretação do repertório de *Lied* com Eric Schneider. Para além disso, tem frequentado *masterclasses* com cantores consagrados como Tom Krause, Ian Bostridge, Lorenzo Regazzo e José van Dam. Atualmente prossegue o seu aperfeiçoamento técnico e artístico com a professora Snežena Stamenković em Mannheim.

José Brandão

Piano

Natural do Porto, fez os seus estudos de piano sob a orientação de Helena Sá e Costa. Diplomado em 1986 pelo Conservatório da mesma cidade, foi nesse ano premiado com o 2.º lugar *ex aequo* no Concurso Nacional de Piano da Juventude Musical Portuguesa. Licenciou-se em Ciências Musicais pela Universidade Nova de Lisboa. Na Guildhall School of Music and Drama, onde estudou com Graham Johnson, realizou a pós-graduação em Acompanhamento ao Piano, obtendo os prémios para melhor pianista acompanhador nos concursos John Ireland'95 e Schubert Lieder'96. Complementou os estudos em repertório vocal, com Paul Hamburger, Martin Katz e Ruben Lifschitz e obteve o grau de Mestre em Música pela Universidade de Aveiro, com uma dissertação sobre as canções de Filipe de Sousa. É professor na Escola de Música do Conservatório Nacional desde o ano 2000. Tocou nos Festivais de Royaumont, do Estoril, de Coimbra, no Museu

e na Temporada de Música da Fundação Gulbenkian, CCB (*Dias da Música em Belém*, série *Bom dia Música*), Ópera de Lille, RDP, sempre acompanhando um vasto leque de cantores. *O Guardador de Canções* é um projeto que desenvolve com o pianista João Vasco, no âmbito do qual explora o universo da canção acompanhada ao piano.

Paulo Ferreira de Castro

Musicólogo

Paulo Ferreira de Castro é musicólogo, tendo realizado a sua formação em Estrasburgo e Londres, e obtido o doutoramento no Royal Holloway College. Exerceu crítica musical em diversos órgãos de comunicação e é autor de numerosos estudos sobre a música dos séculos XVIII a XXI, incluindo o seu mais recente livro *Intertextuality in Music* (Routledge, 2021), de que foi coorganizador.

Entre 1992 e 2000, foi diretor do Teatro Nacional de São Carlos. Foi cofundador e primeiro presidente da Sociedade Portuguesa de Investigação em Música. Desempenha funções de coordenador executivo do Departamento de Ciências Musicais da NOVA FCSH, presidente do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, e membro do Diretório da Sociedade Internacional de Musicologia. Como investigador, os seus interesses abrangem as questões da significação musical, a intertextualidade e as estéticas do modernismo.

JÁ A SEGUIR

7 junho 2024

Concerto Italiano

Monteverdi: IV Livro de Madrigais

O Concerto Italiano, criado por Rinaldo Alessandrini, nasceu em 1984. A sua história sobrepõe-se à história do renascimento da música primitiva em Itália. Monteverdi, Bach e Vivaldi foram os principais compositores sobre os quais o grupo foi capaz de renovar a linguagem da música antiga, revelando completamente um novo aspeto estético e retórico.

Após 33 anos, as gravações do Concerto Italiano ainda são consideradas, por críticos e público, versões de referência, refletindo o significado definitivo que o grupo tem sido capaz de dar aos seus esforços e às suas realizações. Neste concerto, ouviremos *IV Livro de Madrigais* de Monteverdi, a cinco vozes, composto em 1603, com textos de Giovanni Battista Guarini, Ridolfo Ariotti, Torquato Tasso, entre outros.

Sexta, 21h00

Foyer do Grande Auditório, M/6

Coprodução

Centro Cultural de Belém

Instituto Italiano de Cultura de Lisboa

APÓIO INSTITUCIONAL

PARCEIRO INSTITUCIONAL

PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024

APOIO MEDIA



PROJETO ECB - CIDADE DIGITAL COFINANCIADO POR

